

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**Instituto de Letras**

**Curso de Letras**

**Diane Rodrigues Morgão**

**LITERATURA DE CORDEL: cocanha e a realidade nordestina**

**Porto Alegre**

**2009**

**Diane Rodrigues Morgão**

**LITERATURA DE CORDEL: cocanha e a realidade nordestina**

Trabalho de conclusão de curso, realizado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras, do Curso de Letras, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ana Lúcia Liberato Tettamanzi

Porto Alegre

2009

M849I Morgão, Diane Rodrigues

Literatura de cordel: cocanha e a realidade nordestina / Diane Rodrigues Morgão ; orientado por Ana Lúcia Liberato Tettamanzy. – Porto Alegre: 2009.

78 f. : il.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. Monografia. 2. Literatura de Cordel. 3. Nordestinos. I. Tettamanzy, Ana Lúcia Liberato. II. Título.

CDU 087.6

## DEDICATÓRIA

Este trabalho foi feito com dedicação àqueles que prezam a literatura popular brasileira e àqueles que transformam a realidade em belas palavras.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus, primeiramente, por todas as realizações e graças. Agradeço aos meus pais, que me oportunizaram a feliz estada durante o curso de graduação e por estarem ao meu lado em todos os momentos ao longo dessa caminhada.

Agradeço aos meus amigos, por todo o carinho e conselhos.

E também agradeço a todos os professores do curso de Letras por transmitirem o mais precioso dos bens: o conhecimento.

## RESUMO

A Literatura Oral é de grande importância para a formação da identidade de qualquer comunidade. Este trabalho tem como objetivo mostrar o valor e a importância da Literatura Oral tendo como base a Literatura de Cordel no que diz respeito à cultura popular e criatividade literária do povo brasileiro, especificamente, o povo nordestino. Discutiremos os recursos utilizados em alguns folhetos, como, por exemplo, o mito do País da Cocanha e seu reflexo em algumas obras realizadas dentro deste gênero. Falaremos a respeito de como o mito é mostrado frente à realidade nordestina, baseado em questões sociais e históricas deste povo. O principal aspecto a ser debatido é a influência das características medievais (mito) na literatura atual brasileira, trazendo a literatura popular como principal fonte inspiradora.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Mito. Realidade nordestina Poesia Popular.

## **ABSTRACT**

The Oral Literature has a great importance for the formation of the identity of any community. This study has the purpose of showing the value and importance of Oral Literature based on Cordel Literature in relation to popular culture and creativity of Brazilian people, specifically the northeast people. We will discuss the resources used in some leaflets, for example, the myth of the Land of Cockaigne and its reflection in some works carried out within this genre. We'll talk about how the myth is shown in the reality of the Northeast, based on social and historical issues of the people. The main aspect to be discussed is the influence of the characteristics of medieval (myth) in the Brazilian literature, bringing the popular literature as the main source of inspiration.

Keywords: Cordel Literature. Myth. Northeast Reality. Popular Poetry.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 CONTEXTO.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Literatura Popular e Oral.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1.1 Literatura Popular e Oral no Brasil .....</b>	<b>14</b>
<b>3 LITERATURA DE CORDEL E SEUS TRAÇOS MEDIEVAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1 O Mito do país da cocanha e sua visão de mundo idealizado.....</b>	<b>22</b>
<b>3.2 Cocanha e a realidade nordestina.....</b>	<b>25</b>
<b>3.3 Mito recriado em São Saruê .....</b>	<b>26</b>
<b>3.4 Mito versus realidade atual.....</b>	<b>36</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXO A - VIAGEM A SARUÊ.....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO B - UMA VIAGEM AO CÉU.....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXO C - ABC DO NORDESTE FLAGELADO .....</b>	<b>60</b>
<b>ANEXO D - EMIGRAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A Literatura Popular, assim como a oralidade que este termo acarreta, apresenta em seu histórico raízes antigas, fontes milenares de representação artística que ainda hoje são desconhecidas para o grande público.

No meio acadêmico, dificilmente encontramos alguém que demonstre um real interesse pela literatura popular, pois muitos acreditam que esta forma de expressão torna-se rebaixada perante todas outras obras feitas por pessoas que apresentam um grau de conhecimento intelectual elevado ou que saibam realizar concordâncias perfeitas, de acordo com a gramática.

Cabe salientar que literatura popular vem de uma camada pouco ouvida em nosso país e, por esta razão, muitos homens e mulheres à margem de nossa sociedade acabam por expor suas opiniões através da arte – não interessando se esta arte está de acordo com as regras gramaticais. Toda a expressão de um povo mostra que este não está alheio a tudo ao seu redor, mas a falta de destaque a esta expressão denota uma exclusão ao modo de pensar dessas pessoas, colocando-as à margem da cultura formal. Ao longo do processo de estabilização da cultura popular, muitas manifestações artísticas recorrem a estilos previamente reconhecidos em outras épocas. Ao destacarmos o cordel, por exemplo, veremos que muitas poesias que nascem dentro deste estilo se identificam com mitos criados na Idade Média.

No Brasil é comum ainda hoje as pessoas crescerem escutando histórias de seus antepassados; contudo não há uma valorização desta cultura popular enraizada em nossa população.

Com isso, esse trabalho visa o reconhecimento de alguns mitos dentro dessa cultura popular e de que modo essa característica medieval se apresenta dentro de uma literatura atual e próxima dos cidadãos simples, que não se utilizam de uma linguagem elevada para demonstrar seus sentimentos perante a vida.

Ainda há uma resistência, originada de classes mais elevadas, em espalhar a cultura popular, especificamente a nordestina, já que essa pesquisa tem como base esse povo. Nas nossas escolas, por exemplo, dificilmente encontramos professores que queiram trabalhar com a literatura popular, acreditando que seja mais fácil trabalhar com obras eternizadas por um seleto público que parece não se importar

muito com obras que vem “de baixo”. Por exemplo, neste trabalho de pesquisa sobre a literatura popular, destacaremos uma manifestação reconhecido no nordeste brasileiro: a Literatura de Cordel. Essa expressão artística tem seu berço na região mais castigada do Brasil, mas mesmo assim muitos autores desconhecidos do grande público transformam em arte o que antes era apenas sofrimento – talvez a arte deste povo não seja o suficiente para acalantar todo o sofrimento, mas a forma com a qual é difundida essa dor ajuda a espalhar a indignação das pessoas perante o descaso com aquela região.

No sul, não reconhecemos o trabalho realizado pelos autores do nordeste, ainda há muito resquício de preconceito e bairrismo nos pampas. Porém, este preconceito não é “privilégio” das pessoas do sul do país, mas da maioria da nação, que sempre olha para o nordestino como “coitado” ou como aquele que “nasceu para sofrer”.

Sabemos que esta questão é antiga e não cabe a este trabalho tentar mudar uma visão secular como esta. O grande objetivo é mostrar como o sonho de uma vida melhor é retratado na grande manifestação nordestina – o cordel. As lutas sociais aparecem nos folhetos como algo imprescindível, porém impossível sem a ajuda de uma pessoa abençoada, com um dom “messiânico” que tirará todo o sofrimento e levará o povo para um lugar onde a chuva é abundante e a comida é farta.

Ate o presente, vários poetas retomam a ideia de mito, algo que utopicamente é possível na imaginação do ser humano, mas sabemos que a realidade é totalmente diferente.

Os mitos utilizam as ações humanas para ilustrar, de forma fantasiosa, uma outra visão de mundo, muitas vezes idealizada.

Contudo, o homem nordestino acredita que um dia os problemas acabarão, seja através do esforço de cada sertanejo, seja através de uma intervenção divina. A crença em uma vida melhor é transformada em poesias, músicas e espalhada a outros sertanejos que entendem a língua daqueles que estão próximos à sua realidade.

Em um contexto de miséria e analfabetismo largamente propagado, em outros termos, em meio à ausência de estruturas educativas de base, o

poeta popular desempenha um papel importante no despertar da consciência cívica e política. (ASSARÉ, 2007, p. 27)

Esta arte é representada através da música, com violas e batuques no meio da rua, ou por folhetos, onde o imaginário de um “bem comum” aflora com a leitura das produções cordelianas que relatam basicamente o conflito social – tão vivo na alma nordestina.

Minha vida é uma guerra  
E duro o meu sofrimento  
Sem tê um parmo de terra:  
Eu não sei como sustento  
A minha grande famia [...]

(ASSARÉ, 2007, p.28)

## **2 CONTEXTO**

Para dar conta dessas discussões, utilizei, sobretudo, o referencial teórico da crítica e teoria literária, assim como, a história dessa região brasileira.

Organizei os capítulos da seguinte forma: no primeiro, destacaremos o surgimento da Literatura Popular e Oral e também suas características, muitas vezes transformadas ao longo do tempo.

No mesmo capítulo, mencionaremos a Literatura Popular em nosso país e seus reflexos sobre as sociedades mais carentes, público que se tornou o maior divulgador de literatura popular.

Essa cultura popular apresenta em suas raízes muitos aspectos medievais, como, por exemplo, mitos que servem como base para o imaginário de muitos cordelistas ao descreverem uma realidade utópica aos olhos da sociedade. É o que discutiremos nas seções seguintes, dando ênfase ao mito do País da Cocanha e como suas características medievais são encontradas e transformadas dentro do ambiente nordestino.

Por fim, falaremos da real imagem de paraíso para os nordestinos e como esse novo mundo, na maioria das vezes, torna-se um verdadeiro martírio para muitos migrantes que lá chegam atrás de uma vida digna e melhor para todos que enfrentam as agruras do dia-a-dia cruel de muitos da região Nordeste.

### **2.1 Literatura Popular e Oral**

A literatura popular a partir da oralidade de artistas que repassaram todos os conhecimentos através de cânticos ou estórias contadas ao longo de gerações. Com a chegada das palavras escritas em livros perpetua-se, assim, esta maneira de difundir a cultura de uma determinada região.

Dando um enfoque maior para a literatura de cordel, cabe dizer que sua gênese deu-se ainda na União Ibérica, com uma voz mais acentuada em terras

lusitanas. Em Portugal, as “folhas volantes” já contavam histórias de cavaleiros, narrativas de velhas épocas, narrativas de guerra, de amor, enfim, temas que sempre foram ligados à memória popular.

Eram as “folhas volantes” também chamadas de “folhas soltas”. O povo português, antes que se difundisse a imprensa, usava o registro da poesia popular em “cadernos manuscritos”. Estas “folhas volantes” ou “folhas soltas”, decerto em impressão muito rudimentar ou precária, eram vendidas nas feiras, nas romarias, nas praças ou nas ruas; nelas registravam-se fatos históricos ou transcrevia-se igualmente poesias eruditas. (DIEGUES JUNIOR, 1986, p.35)

Esses folhetos refletiam a criatividade de um povo que encontrava apenas na oralidade uma forma de expressar sua forma de vida. Àqueles que dominavam a arte da escrita era comum deixar as letras de seus cânticos rabiscadas em papéis com a finalidade de expor todo um sentimento, seja este de amor ou até mesmo de escárnio. Esta cultura dos cânticos, ou folhetos, não era algo visto apenas nas camadas populares durante a Idade Média ou até mesmo depois desta era. A cultura erudita pertencia àqueles que tinham condições de usufruí-la e viver apenas de arte. Como a maioria das pessoas dessas épocas mais remotas não tinha esse privilégio, podemos dizer que a eles cabia a cultura da oralidade, sabedorias passadas de gerações para gerações. Camponeses daquela época – aqui podemos fazer uma comparação com os trabalhadores de hoje - não detinham de tal conhecimento erudito para compor grandes cânticos como os nobres, porém, não eram alheios à arte e à cultura de suas regiões.

Se admitíssemos, como querem muitos, que a literatura é um fenômeno que só se realiza em plenitude na modalidade escrita, estaríamos excluindo as tradições orais medievais de comunidades européias, cuja produção literária era a expressão de indivíduos iletrados que numericamente predominavam naquela época. E nem por isso se admite que culturalmente esses indivíduos eram incapazes e nem se pode desconhecer a qualidade artística das suas produções que circulavam oralmente. (ALCOFORADO, 1999, p.110)

Desta forma, mesmo em épocas distantes, a literatura popular – tendo como base a oralidade - era vista como algo inferior. Podemos dizer que muito tempo

passou e a forma de pensar a oralidade também evoluiu, mas ainda há resquícios deste passado “elitista” que vê a manifestação artística como um divisor social, como realmente era no passado.

Assim, percebe-se que o texto escrito, ao invés de ser fixado, é sujeito a constantes modificações. A história impressa pode, então, ser considerada como um prolongamento, mesmo um complemento do texto oral. De fato, parece difícil separar a escritura da oralidade, do ponto de vista da forma, dos temas abordados, dos produtores das narrativas – poetas ou simples menestréis – ou enfim, do ponto de vista da transmissão dos textos que, mesmo para os folhetos, é essencialmente oral. Estamos, pois realmente, em uma situação particular em que a escrita funciona do mesmo modo que o oral. (CAVIGNAC, 1995, p. 85)

Como nosso estudo tem sua base consolidada na literatura de cordel, não seria uma novidade ouvir que essa literatura tipicamente nordestina é algo “menor” em relação à literatura caracterizada como erudita. Toda manifestação popular passa por desmerecimento dos grandes intelectuais de nossa sociedade. Isso é comprovado com a falta de valorização por parte de muitos professores desde o ensino fundamental que não veem na literatura de cordel um bom assunto para ser discutido em sala de aula. A linguagem é entendida como errada, com métrica fácil - na maioria dos casos – e com rimas simples. A literatura popular, e nela cabem os cordelistas, é mais do que simplesmente sua métrica, também é a discussão de causas sociais que antes não eram ditas ou debatidas. A arte de cantar a dor ou alegria transcende qualquer estrutura bem idealizada.

### **2.1.1 Literatura Popular e Oral no Brasil**

Quando tentamos definir, ao certo, o que significa literatura popular, não conseguimos chegar ao ponto exato. O fato é que esse tipo de manifestação percorre os séculos e transforma uma pessoa não letrada ou que não possua um grande conhecimento literário em alguém apto a desenvolver um trabalho cultural dentro de uma comunidade específica.

Quando falamos em “comunidade específica” não estamos rejeitando a ideia de este tipo de literatura atingir outro público, porém, quando uma pessoa se dispõe a realizar um trabalho em que a oralidade seja o ponto norteador do mesmo, torna-se inevitável o surgimento de características próprias de uma região, um povoado, etc.

Sabemos que a literatura popular sempre foi vista com algo vulgar, ou melhor, algo que não merecia um real destaque em relação a obras de grandes artistas renomados. Obviamente, cada artista tem o seu valor visto que a arte não apresenta barreiras, mas não podemos dizer que a literatura popular receba o mesmo valor do que as obras intituladas “canônicas”. Assim como afirma o seguinte trecho:

A denominação “poesia popular” foi muitas vezes associada a um número certo de representações negativas que a situam ao lado da literatura menor, em oposição à Literatura. As conotações mais recorrentes que lhe são conferidas são aquelas da simplicidade dos temas abordados e das ideias tratadas, facilidade de versificação e banalidade das rimas, ingenuidade dos sentimentos expressos, falta de originalidade e criatividade, pobreza de vocabulário, riqueza estilística limitada, simbólica indigente. (GRIGNON; PASSERON apud ASSARÉ, 2007, p.17)

Este trabalho de pesquisa não visa o destaque de um tipo de literatura em detrimento da outra, pelo contrário, notaremos que uma manifestação artística completa a outra, em sua grande maioria, pois não há literatura dita oficial, sem que suas características básicas não tenham passado pela literatura oral – como se existisse um vínculo de parentesco entre a literatura erudita e oral. Câmara Cascudo (2006) afirmou em uma de suas pesquisas que a irmã mais velha da nossa “literatura oficial” é a literatura oral. Sem dúvida alguma, Cascudo foi enfático ao defender a oralidade e, sobretudo, defender a importância dessa manifestação para cultura brasileira.

Aliás, seria impossível falar sobre a literatura popular e oral brasileira sem mencionarmos o nome de Câmara Cascudo. Ele é um dos maiores folcloristas brasileiros e podemos confirmar esse destaque ao nos depararmos com suas vastas pesquisas sobre o folclore, costumes e tradições, dando ênfase à dimensão social e histórica do Brasil.

Cascudo, em uma de suas obras intitulada *Literatura Oral no Brasil*, mostra-nos o quão injustos alguns intelectuais acadêmicos podem ser em relação à literatura oral por apresentarem a literatura oficial, erudita, como a verdadeira manifestação literária capaz de representar o cenário brasileiro.

As histórias da literatura fixam as ideias intelectuais em sua repercussão. Ideias oficiais das escolas nascidas nas cidades, das reações eruditas, dos movimentos renovadores de uma revolução mental. O campo é sempre quadriculado pelos nomes ilustres, citações bibliográficas, análise psicológica dos mestres, razões do ataque ou da defesa literária. A substituição dos mitos intelectuais, as guerras de iconoclastas contra devotos, de fanáticos e céticos, absorvem as atividades criadoras ou panfletárias. A Literatura Oral é como se não existisse. Ao lado daquele mundo de clássicos, românticos, naturalistas, independentes, digladiando-se, discutindo, cientes da atenção fixa do auditório, outra literatura, sem nome em sua antiguidade, viva e sonora, alimentada pelas fontes perpétuas da imaginação, colaboradora da criação primitiva, com seus gêneros, espécies, finalidades, vibração e movimento, continua, rumorosa e eterna, ignorada e teimosa, como rio na solidão e cachoeira no meio do mato. (CASCUDO, 2006, pág.23)

Cascudo destaca o fato da falta de relevância dada à Literatura Oral. Em contrapartida, vemos que a literatura oficial, que em muitas vezes não retrata a realidade do povo brasileiro, é apresentada como algo realmente valioso e que merece a atenção dos estudiosos.

A oralidade reflete o conhecimento de um povo, seja ele letrado ou não. Este conhecimento concentra-se na experiência de vida, religiosidade, caráter pessoal, memória e outros aspectos que são tão relevantes quanto esses citados. Os conhecimentos nem sempre estão dentro de um livro, não é difícil encontrarmos, por exemplo, receitas de cura passadas de geração a geração apenas pelo meio da oralidade.

Porém, para Ricardo Azevedo, em seu texto intitulado “Formas literárias populares e formação de leitores”, esta transmissão de conhecimento através da oralidade, torna este tipo de manifestação um tanto conservadora ou até mesmo “parada no tempo” para os intelectuais e até professores, mais apropriados dos estudos de língua e da literatura escrita.



Fala-se até, até hoje, que as culturas populares são “conservadoras” e “paradas no tempo”. Trata-se de preconceitos que precisam ser mais bem discutidos. Sem dúvida, tais culturas valorizam o passado e a tradição, mas não se pode esquecer de que tudo isso é guardado pela memória, recurso extremamente poroso e plástico. A título de provocação, poder-se-ia dizer que a noção de “conservadorismo” parece se adequar muito mais à cultura escrita, esta, sim, capaz de fixar e preservar inalterados documentos, conceitos e ideologias. No mínimo, ambas podem, por diferentes razões, ser consideradas conservadoras. (AZEVEDO, 2004, p. 156)

Azevedo também destaca duas interpretações para o entendimento da cultura oral e da escrita. Essa dicotomia apresenta algumas noções sobre “realidade” – esta apresentada através da interpretação de cada cultura. O autor cita a literatura escrita como algo “civilizatório”, como se somente ela fosse a marca oficial de uma comunidade. Aliás, o termo intelectual também já denota um resquício de preconceito, principalmente perante aquelas pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar o suficiente e, por esta razão, são julgadas incapazes de compreender manifestações “elevadas”. Para sustentar esta ideia, Azevedo (2004) faz a seguinte afirmação:

[...] O primeiro representado pela cultura escrita, em resumo, é denominado “civilizado”, moderno, ligado à valorização do individualismo [...]; do pensamento analítico e abstrato; do poder público e da cidadania (cf. DaMatta ao falar da “rua”); da informação e dos conceitos teóricos; do cultivo e aceitação das relações de caráter impessoal (p.e. o comportamento “profissional”); da valorização da vida de mundo “original” (do que é novo e diferente); dos procedimentos diferenciadores (que transformam o homogêneo em heterogêneo cf. Ehrenzweig); de métodos baseados em sistemas e módulos predeterminados; da visão do homem como um indivíduo livre e autônomo (cf. Louis Dumont) e da secularização. (AZEVEDO, 2004, P. 155)

Azevedo também destaca o processo da escrita como algo “individual” ou uma supervalorização desse caráter solitário. Em contrapartida, ele apresenta a oralidade como algo representativo da coletividade e da tradição visto que, por exemplo, muitas obras, cantigas, peças, etc atravessam os tempos – com algumas perdas ou acréscimos – ,mas continuam “vivas” para aqueles que as compartilham.

O outro modelo é o da oralidade, representado pelas culturas ágrafas. Sempre em resumo, tal padrão pode ser associado à priorização da vida coletiva e familiar; ao pensamento mágico (leva em conta as forças transcendentais e o inominável); à valorização da “tradição” e da “sabedoria” (o conhecimento baseado na experiência prática em oposição à informação, cf. Benjamin); ao cultivo do contato de caráter pessoal; a uma visão de mundo necessariamente compartilhável (vocabulário público e temas de interesse geral); aos procedimentos não diferenciadores (transformam o heterogêneo em homogêneo cf. Ehrenzweig); à visão do mundo como pertencente a uma imensa hierarquia (cf. Dumont); a procedimentos como a *bricolage* e o improvisado e à religiosidade. (AZEVEDO, 2004, p. 155)

Esta visão de preconceito com a oralidade e com os estudos realizados em torno de suas características torna-se evidente ao resgatarmos representações culturais pouco distantes da nossa realidade. Ao trazermos a literatura de cordel, manifestação tipicamente nordestina, percebemos a falta de valorização de uma cultura genuinamente brasileira – é sabido que o cordel traz uma raiz europeia consigo, porém o que conhecemos, ou o pouco que sabemos sobre as poesias nordestinas, já denota um grande distanciamento e certa estranheza por parte de muitos professores, sendo estes de ensino fundamental ou médio, e até mesmo dentro das universidades. É fato de que a cultura brasileira não é explorada ao máximo, como deveria. Estudamos, na maioria das vezes, uma cultura já ultrapassada, que não retrata a realidade de um povo tão diferente, arraigado na sua miscigenação, mas representado dentro de sua própria cultura. A literatura de cordel tem como objetivo apresentar pessoas simples fazendo arte, cultura, um verdadeiro espelho de sua realidade. Como afirma o pesquisador Marlon Anderson de Oliveira nesta passagem sobre o povo nordestino.

Se a história é feita de sujeitos que vivem a mesma, o princípio primordial da história do Brasil deve ser seu povo, neste instante direcionamos olhar para o povo nordestino, que sem querer machucar a outros, é sem dúvida o mais brasileiro de todos. Se o povo é quem faz a história, e a mesma segue a dinâmica do tempo, o nordeste do Brasil é sem dúvida o berço da história deste país. (OLIVEIRA, 2008, p. 13)

Não podemos nos esquecer que o Brasil nasceu em berço nordestino e que o princípio da cultura brasileira também plantou raízes no mesmo solo que hoje não detém tão grande prestígio.

Para Câmara Cascudo (2006), o contexto nordestino propicia à literatura oral uma liberdade que é repassada à poesia popular dessa região do interior brasileiro: o próprio cantador (narrador e trovador das estórias) é oriundo de uma terra castigada, de um meio rural cruel com seus habitantes, porém, mesmo não tendo um grande nível de estudo, sendo sobrevivente de todas as adversidades, consegue improvisar suas cantigas e mantém sua narração baseada somente nas suas lembranças e experiências vividas.

De fato, como poderíamos explicar a permanência de uma literatura popular escrita, publicada regularmente há mais de um século, em uma região onde as taxas de analfabetismo atingem os 40%? Se, via de regra, os folhetos de cordel e os romances escritos desaparecem, uma vez que forem “consumidos”, eles continuam, contudo, gravados na memória das populações rurais do sertão nordestino. Essas narrativas, originalmente escritas por um autor conhecido, por vezes repertoriadas pelos pesquisadores, integram-se então às outras histórias da tradição, tornando-se, de fato, verdadeiros textos orais. (CAVIGNAC, 1995, p.83)

Muitas vezes, essas estórias servem como alicerce de um sonho maior, cantar um novo mundo, sem problemas e com uma vida digna a todos.

Transformar a utopia em realidade, torna-se possível na poesia e canções populares feitas por grandes e desconhecidos autores nordestinos.

Obviamente, há muitos autores cordelistas reconhecidos nacionalmente e até mesmo internacionalmente, mas o que vamos destacar neste trabalho é justamente os autores cantaram as agruras de um povo, aqueles que ajudam a enriquecer o conhecimento popular e espalham orgulho e, ao mesmo tempo, contestam suas vidas sofridas. A literatura popular existe em outros países, mas nenhuma é tão relevante quanto a do Nordeste [...]. aqui, no nordeste, ela resiste e se transforma cada vez mais. (CANTEL, 1993, p.16)

### 3 LITERATURA DE CORDEL E SEUS TRAÇOS MEDIEVAIS

Tendo em vista a origem da literatura em folhetos, aquilo que posteriormente chamaremos de literatura de cordel, podemos encontrar algumas semelhanças com a literatura medieval europeia. Ao mencionarmos que os folhetos dedicavam parte de seu conteúdo a histórias de cavalaria, de amor, amizade, e outros temas citados várias vezes nas cantigas da Idade Média, encontraremos algumas semelhanças na construção de uma literatura popular, algo que se repete até hoje nos cordeis nordestinos.

A literatura medieval era mais comedida, pois apresentava-se em outra época, respeitando inúmeros fatores, sejam estes religiosos, éticos e morais. O cordel destaca-se atualmente pela sua maneira de expressar o que é próprio de uma determinada região – não podemos dizer que a única região que se faz literatura de cordel seja a Nordeste, mas não podemos negar a grande predominância do gênero nesta parte do Brasil.

Qual seria a aproximação da literatura de cordel, realizada principalmente no nordeste brasileiro, com a literatura medieval, algo que aos nossos olhos parece tão distante? Podemos destacar, entre outras características, o mito do paraíso que envolve muitos cordeis e que cujas raízes encontramos na Idade Média, época considerada obscura por viver à sombra de fortes dogmas religiosos e por um grande vazio existencial por partes das pessoas que viviam sob esses regimentos. Este estudo não visa esclarecer questões históricas de uma determinada época, mas sim o que podemos encontrar de resquícios dessa obscuridade – talvez seria o que hoje chamamos de flagelo – dentro da nossa literatura de cordel. O mito, característica que servirá de base neste estudo, apresenta-se de forma diferente atualmente, mas ainda podemos presenciar sua manifestação em muitas poesias nordestinas, ou até mesmo em cantos populares.

Mas, o que seria um mito? Segundo o autor Luis Tavares Junior (1980), muitas vezes o mito foi classificado erroneamente, ora atribuindo característica como, por exemplo, a ilusão, ora como ficção. Porém, Luis Tavares Junior deixa claro em sua pesquisa que há divergências sobre o que significa o mito – tanto que o autor relata que, para os gregos, a relação com o mito era algo mais forte, como uma “tradição sagrada” ou uma espécie de evocação de um modelo dito exemplar de tempos

antigos da vida de um determinado povo. Sabemos que para os gregos, tendo em vista que a civilização grega é considerada o berço da civilização ocidental, a questão do mito era carregada de significados, pois, através de personagens mitológicos, muitos aspectos eram vistos como explicação para a realidade, já que todo mito é revestido por uma simbologia. Os mitos são formas encontradas para justificar os acontecimentos humanos.

A base para a pesquisa de Tavares, no que tange a ideia do mito, vai de encontro com o pensamento de Lévi-Strauss, pois segundo este,

A substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narrar, nem na sintaxe, mas na história que é contada. O mito é linguagem; mas uma linguagem que tem lugar em um nível muito elevado, e onde o sentido chega, se é lícito dizer, a decolar do fundamento lingüístico sobre o qual começou rolando. (LÉVI-STRAUSS, 1970, p.230)

Para Lévi-Strauss, o mito é um pensamento lógico, também é a tentativa de união de duas proposições contraditórias inconciliáveis. Já Mircea Eliade (1966), em sua pesquisa intitulada “*A estrutura dos mitos*” acredita que a principal função do mito é a de apresentar os modelos considerados exemplares de todos os ritos – estes são considerados o modo de se colocar em ação os mitos na vida do Homem – e de trazer à realidade as atividades humanas mais significativas. Para Eliade, o mito é uma maneira de questionar os problemas fundamentais do homem, é uma indagação a respeito da vida, seria uma maneira de explicar um vazio existente dentro de cada ser humano.

Para a poesia de cordel, a narração de algumas estórias perpassa por alguns mitos visto que as poesias encontradas neste gênero trazem consigo suas raízes de um mundo primitivo, com fortes pensamentos religiosos, de crença inabalável no sagrado, na fé e, também, em questões de ordem social.

Os modos de pensar e agir da maioria dos nordestinos, principalmente o homem do sertão ainda tem a ver com esse jeito de ser do homem medieval na sua cultura, na sua convivência com a tradição e a modernidade constituída pelos os horizontes do mundo nos diferentes tempos das experiências, [...], mundo natural, do mundo intersubjetivo e do mundo da linguagem. (TRIGUEIRO, 2006, p.2)

Para Tavares, todas as histórias míticas são necessárias, pois “satisfazem as profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressão e a imperativos de ordem social e mesmo de exigências práticas”, palavras que corroboram o pensamento de um outro autor que serviu de base para a pesquisa: Malinowski.

Para ilustrar essas questões mitológicas que servem de base para vários folhetos da literatura popular, escolhemos como fonte norteadora desta pesquisa o Mito da Cocanha, oriundo da Idade Média, mas remanescente em muitas poesias na Literatura de Cordel, obviamente com outro enfoque e com outras palavras. Se o mito apresenta como característica a indagação sobre a vida, o questionamento sobre os atos realizados pelos Homens, torna-se justo dedicarmos um estudo sobre as indagações feitas por sertanejos a respeito de sua terra, sua vida e sua gente.

O Mito da Cocanha busca ilustrar aquilo que caracteriza a Idade de Ouro, uma época em que a vida será perfeita, sem adversidades e os seres viverão em paz, alimentados através de frutas silvestres e mel que gotejam se árvores. Dentro de um cenário tão contrário a esse tipo de mito, como foi possível transformar essa visão de mundo idealizado em um mundo real aos olhos do povo sertanejo, tão sofrido no que tange ao aspecto político-social. É notório o preconceito que é sofrido pelo povo nordestino e, talvez, seja esta a grande razão pelo fato deste mesmo povo visar a um novo mundo, onde não haja sofrimento nem preconceito.

### **3.1 O Mito do país da cocanha e sua visão de mundo idealizado**

Muitos autores utilizaram o mito do País da Cocanha em seus folhetos para que servisse de ilustração daquilo que seria um mundo perfeito para uma população tão sofrida. Este mito, durante a Idade Média, explorava o imaginário das pessoas e os levavam a crer em um novo Paraíso. Na região do Nordeste brasileiro, esta concepção não era diferente.

Esse país maravilhoso nascido no imaginário do povo da Europa Ocidental por volta do século XIII chegou aqui, provavelmente, pela narrativa oral dos portugueses, franceses e holandeses. Atravessou todo esse tempo, cronologicamente demarcado como período medieval que historicamente vai do século V ao século XV. Essa tradição oral continua perdurando de

modo diferente e atualizado até hoje no Nordeste. Os modos de pensar e agir da maioria dos nordestinos, principalmente o homem do sertão conservam características desse jeito de ser do homem medieval, sua cultura e sua convivência com a natureza, talvez ainda mais com aquilo que denominamos de sociedade midiática, ou ainda de sociedade industrial. (TRIGUEIRO, 2006,p1)

O País da Cocanha, idealizado durante a Idade Média, remonta a um lugar perfeito aos olhos dos seres humanos. É uma terra próspera, onde a harmonia predomina e o trabalho não era necessário, pois naquela terra a comida era fornecida pela própria natureza.

A cocanha era um país imaginário localizado em algum lugar da Europa Medieval. Lá o seu povo vivia feliz e cheio de amor, não faltava emprego para ninguém, até por que não era necessário trabalhar, tudo era fácil e de graça. Nos rios corria vinho tinto da melhor qualidade, dinheiro dava em árvore e não tinha valor, não havia doença nem fome e tinha uma fonte de água que rejuvenescia as pessoas, ou seja, não havia idosos,ouro virava tijolo para as construções das casas, de dia e de noite tudo era festa com muita bebida e comida. (TRIGUEIRO,2006, p.1)

Podemos considerar este lugar como festivo e utópico, ao mesmo tempo. Para aqueles que viviam na “obscuridade” da Idade Média, sem direitos e com muitos deveres, pensar em um mundo novo era perfeitamente cabível. Não devemos esquecer que os tempos medievais sofreram com muitas pestes e doenças que dizimaram boa parte da população. O que poderiam fazer aqueles seres humildes a não ser rezar para suas vidas não caírem em desgraça e sonhar com um novo lugar onde não se aceitava a hipótese de sofrimento ou outras mazelas acarretadas por uma vida sem perspectivas.

A Cocanha trazia a abundância na sua essência, existiam rios de leite e de vinho, pães e queijos eram facilmente obtidos. A chuva não era apenas um fenômeno natural, mas também uma outra forma de receber alimentos, pois muitos destes caíam do céu.

É uma região de luxo e extravagância, uma espécie de paraíso para os sentidos terrenos que aparecia em histórias de tradição camponesa, e fazia uma contrapartida direta ao idílico paraíso cristão.

(<http://tavernafimdomundo.wordpress.com/2009/02/24/o-pais-de-cocanha/> - acesso em 02 Dez de 2009)

Como este mito foi criado durante a Idade Média, não podemos descartar a visão religiosa deste mundo perfeito – seria a ilustração do novo Éden, paraíso que foi proibido aos mortais. Por conta de uma ordem divina não respeitada, os homens não seriam mais dignos de conviver neste paraíso. E, por esta razão, atravessamos martírios, adversidades e infortúnios até hoje.

Este mundo em que vivemos seria a verdadeira provação para os seres que aqui habitam, talvez não haja castigo maior do que enfrentar guerra, fome e doenças. A crença em um mito seria a melhor opção das classes desfavorecidas

Creio que Deus e todos seus santos  
Abençoaram-na e sagraram-na mais  
Que qualquer outra região.  
O nome do país é Cocanha;  
Lá, quem mais dorme mais ganha.

As pessoas lá não são vis,  
São pelo contrario, virtuosas e corteses.  
Seis semanas tem lá o mês,

Quatro páscoas têm o ano,  
E quatro festas de São João.  
Feriado e Domingo todo dia.  
Há no ano quatro vindimas,

Quatro páscoas têm o ano,  
E quatro festas de São João.  
Feriado e Domingo todo dia.  
Há no ano quatro vindimas,

Quatro todos os Santos, quatro natais,  
Quatro candelárias anuais,  
Quatro carnavais,  
E quaresma a cada quatro anos,

O país é tão rico  
Que bolsas cheias de moedas

Estão jogadas pelo chão;  
Morabintos e besantes  
Estão por toda parte, inúteis:  
Lá ninguém compra nem vende.

As mulheres dali, tão belas,  
Maduras e jovens,  
Cada qual pega a que lhe convém,



Sem descontentar ninguém

Cada um satisfaz seu prazer  
Como quer e por lazer;  
Elas não serão por isso censuradas,  
Serão mesmo muito mais honradas <sup>1</sup>

Porém, este mito que foi desenvolvido durante a Idade Média como um método para fugir de uma realidade tão difícil encontra-se vivo atualmente em muitos folhetos de cordel do Nordeste brasileiro.

A busca por mitos não difere do intuito medieval: para muitos sertanejos, aquilo considerado utópico era um sonho que poderia ser realizado. Com fé em Deus – a corrente religiosa é muito forte na maioria dos cordéis –, as barreiras seriam ultrapassadas.

Esse lugar continua presente no imaginário popular do sertanejo, que vive lá no Semi-Árido nordestino que é um lugar de uma “era uma vez” ou de “como antigamente”. Portanto, a história desse país imaginário, na cultura sertaneja é uma utopia do “seu rei mandou dizer” de um instante e no momento que está entremeada na vida cotidiana contemporânea dos seus habitantes. (TRIGUEIRO, 2006, p.2)

### **3.2 Cocanha e a realidade nordestina**

Sabemos que o mito do País da Cocanha tem em sua raiz a busca por um espaço perfeito aos olhos dos seres humanos que vivem em sofrimento na terra. Torna-se complicado encontrar um autor específico deste mito, assim como para qualquer outro mito. O fato é de que a oralidade influenciou bastante para que essa história encontrasse uma ramificação até o sertão nordestino – essa expressão “sertão” é destinada ao interior do Nordeste brasileiro, região muito castigada pela pobreza, pelo descaso social e, também, por fatores climáticos que propiciam um ambiente árido, sofrido pela escassez do solo no que diz respeito a plantações.

---

<sup>1</sup> Trechos do Fabilau Francês; <http://tavernafimdomundo.wordpress.com/2009/02/24/o-pais-de-cocanha/> - acessado em 02 Dezembro de 2009

Para tanto, como seria possível imaginar um mito, um país fantástico, livre de todas as adversidades em pleno chão sertanejo? Seria algo impossível a muitos ascéticos, mas para o imaginário popular nada torna-se impossível.

Obviamente, notamos que o cordel apresenta como principal característica a realidade imposta em seus versos, seja mostrando a parte feliz de um povo, seja uma visão crítica da vida dolorosa – o lado crítico aparece sutilmente, em alguns casos.

E para justificar a busca por uma vida melhor, podemos identificar, em alguns folhetos, verdadeiras “odisséias” atrás de dignidade perante as imposições sociais.

Dentre vários cordéis, destacamos duas versões, com formas diferentes de retratar o sonho de uma vida melhor de um sertanejo. Neste caso, teremos o mito do País da Cocanha na versão nordestina intitulada “Viagem a São Saruê” e, em contrapartida, veremos como a realidade é realmente colocada de forma “crua” aos olhos dos leitores – que não precisam ser necessariamente pessoas que vêm do Nordeste brasileiro, mas de qualquer outro que se sensibilize com o descaso desse povo. A busca dessa terra perfeita não está longe, ainda encontra-se em nosso território, contudo não há todos os privilégios que o País da Cocanha e São Saruê apresentam em seu lado imaginário. “O imaginário cocaniano rompe a barreira do tempo, viaja por muitos lugares e transforma-se em um dos folhetos de cordel mais lidos no Nordeste, [...]” (TRIGUEIRO, 2006, p. 3)

A literatura oral chegou ao Brasil juntamente com as caravelas portuguesas que aqui desembarcaram, com isso, o mito de uma terra melhor encontrava-se também arraigado na alma daqueles navegadores que aqui perceberam a beleza de mundo novo, com despertar recente para a vida. O Brasil nascia no Nordeste como uma espécie de novo mundo, ou para uma visão cristã, como o novo Paraíso.

### **3.3 Mito recriado em São Saruê**

A crença em um novo mundo sempre esteve presente no imaginário das pessoas, por isso o mito do País da Cocanha ainda continua muito presente nas regiões onde o cordel detém prestígio e um grande número de público e de leitores das poesias populares.

Porém, não seria viável comparar o mito criado durante a Idade Média com os aspectos que encontramos na região Nordeste do Brasil. Desta forma, um autor paraibano resolveu apresentar as suas reivindicações sobre a realidade nordestina utilizando as principais características do País da Cocanha e transportando-as para a região dos sertanejos.

Essa transformação do mito torna-se perfeitamente aceitável, pois este passa pelo processo da oralidade, modificando-se ao longo do tempo. Com o mito da Cocanha não foi diferente, atravessou um processo de mudança para que o mito não perdesse sua legitimidade em outros contextos. Para tanto, Tettamanzy (2007) afirma que “o mito pode ser atualizado tanto na recorrência de temas, personagens, estruturas e enredos, como ser possuidor de recurso estético inesgotável, na linguagem simbólica que permite dizer as coisas que são mais difíceis de exprimir”.

Desta forma, podemos destacar a transformação do mito no folheto intitulado “Viagem ao País de São Saruê” de Manoel Camilo dos Santos, cordelista da Paraíba que retrata o mundo perfeito dentro do contexto dos sertanejos nordestinos. Os vocábulos diferem-se do mito original, mas a busca pelo ideal continua em ambas as manifestações.

Doutor mestre pensamento  
 Me disse um dia: - Você  
 Camilo vá visitar  
 O país de São Saruê  
 Pois é o lugar melhor  
 Que neste mundo se vê

Eu que desde pequenino  
 Sempre ouvia falar  
 Nesse tal São Saruê  
 Destinei-me a viajar  
 Com ordem do pensamento  
 Fui conhecer o lugar

[...]

Mais adiante uma cidade  
 como nunca vi igual  
 toda coberta de ouro  
 e forrada de cristal  
 ali não existe pobre  
 é tudo rico em geral.

Uma barra d'ouro puro  
 Servindo de placa, eu vi  
 Com as letras de brilhantes

Chegando mais perto eu li  
Dizendo: São Saruê  
É este lugar aqui

Quando avistei fiquei o povo  
Fiquei de tudo abismado  
Uma gente alegre e forte  
Sadio e civilizado  
Bom, tratável e benfazejo  
Por todos fui abraçado.

O povo em "São Saruê"  
Tudo tem felicidade  
Passa bem, anda decente  
Não há contrariedade  
Não precisa trabalhar  
E tem dinheiro à vontade

(ABREU apud TETTAMANZY, 2005, p.120; p.122)

Este trecho mostra o quanto a imagem de um mundo novo é forte para o nordestino, tendo voz a partir dos versos de Manoel Camilo dos Santos. Dentro desta pequena passagem, podemos percebermos que tudo aquilo que o autor aspira a encontrar não faz parte de sua realidade e, com isso, até mesmo uma pessoa boa causa espanto aos olhos do autor que decide viajar a este paraíso que se localiza no imaginário de muitos.

O cenário acima descrito é familiar aos variados textos que exploram as utopias humanas de encontrar um Paraíso Terrestre, a Cocanha imaginária de permanência e fartura. As referências a ouros, cristal, dinheiro e ausência de trabalho são comuns a textos desta matriz. (TETTAMANZY, 2007, p. 236)

As palavras utilizadas por Manoel Camilo dos Santos são de fácil compreensão, pois o cordel tem como seu público-alvo pessoas simples, que não apresentam um saber erudito e que, talvez, não apreciassem a poesia caso esta fosse escrita de uma forma extremamente formal.

Essa linguagem torna-se comum a todos porque os pontos retratados durante a poesia também são comuns: problemas, desejos, sonhos. Manoel Camilo dos Santos, ao escrever a sua viagem a este paraíso, leva consigo um ideal coletivo de mundo sem sofrimento, sem fome e adversidades.

O autor expressa, em algumas passagens da poesia, o forte contraste social existente no mundo exterior, fora de São Saruê. Os assuntos explicitados nas poesias são características marcantes da região Nordeste, principalmente quando nos remetemos a questões sociais que sempre apresentam uma grande importância dentro da Literatura de Cordel.

Esse mundo encantado narrado por Manoel Camilo dos Santos, está presente na tradição oral nordestina e no imaginário de desejo de mudanças de um povo sofrido, que vive em uma das mais atrasadas regiões do Brasil. (TRIGUEIRO, 2005, p. 5)

O fato de o autor deparar-se com “Uma gente alegre e forte/ sadio e civilizados/bom, tratável e benfazejo” já o surpreende, pois muitos nordestinos convivem com doenças e miséria.

Ao destacar que as pessoas eram sadias, Manoel Camilo dos Santos também está de acordo com as terríveis mazelas que assombram os sertanejos - mazelas causadas por doenças antigas que ainda não foram erradicadas, ou causadas pela fome, uma grande ferida que persiste na sociedade do interior do Brasil. Porém, em São Saruê não há fome, como mostra o seguinte verso do mesmo poema.

Lá eu vi rios de leite  
barreiras de carne assada  
lagoas de mel de abelha  
atoleiros de coalhada  
açudes de vinho do porto  
montes de carne guisado

As pedras em São Saruê  
são de queijo e rapadura  
as cacimbas são café  
já coado e com quentura  
de tudo assim por diante  
existe grande fartura

(ABREU apud TETTAMANZY, 2005, p.120 -.122)

Diferente do mito do País da Cocanha, não há um rio de vinho, Manoel Camilo dos Santos apresenta um rio de leite, alimento essencial para o crescimento

das crianças e o fortalecimento de adultos. Não temos necessidade de tomar vinho, mas sim de beber leite, alimento de difícil acesso aos sertanejos. Da terra, comidas típicas nordestinas brotam, como por exemplo, a rapadura. Podemos dizer que esta menção ao produto nativo seria uma ligação com o aspecto regional para que não haja um grande distanciamento entre a utopia e as raízes do homem sertanejo.

Um aspecto recorrente nesta poesia de Manoel Camilo dos Santos é o alimento. Não poderia ser diferente, pois a falta de comida na região Nordeste é um fator de grande importância até hoje para as pessoas daquela região. Dizer que os montes de São Saruê são constituídos de carne, isso representa uma característica recorrente em muitos folhetos: a vontade de sanar a fome das muitas pessoas que enfrentam este problema.

Porém, a realidade vivida por essas mesmas pessoas não lhes fornece esperança no fim desta “guerra social” pela sobrevivência. Alinhando nosso pensamento ao fato de o nordestino não viver a vida e sim sobreviver a esta, podemos destacar muitos fatores que influenciaram o modo de viver e de pensar do povo daquela região. O Nordeste brasileiro é uma região que obtém boa parte de sua renda oriunda de trabalhos envolvidos com plantações, e, por esta razão, o homem nordestino é muito dependente do clima de sua região. Como sabemos, esta mesma região é muito castigada por secas prolongadas, fato que contribui para o decréscimo de sua economia e, conseqüentemente, para a falta de recursos sociais que deveriam ser repassados para a população. Além disso, as grandes propriedades de terra, encabeçadas por coronéis – latifundiários – de alguma forma contribuem para a enorme desigualdade social que encontramos na maioria dos estados nordestinos. Esta desigualdade retrata a falta de oportunidades e, principalmente, de preocupação por parte daqueles que deveriam cuidar dessa situação que, infelizmente, parece não ter fim.

Mesmo na ausência de uma consciência política estruturada, o espírito humano não fica alheio ao sentimento de injustiça e ao desejo de alternativa perante a opressão ideológica, econômica e cultural. O Nordeste brasileiro, terra de “coronéis” e grandes senhores agrícolas, viveu num misto de independência de um poder central incapaz de penetrar a rede feudal das ligações regionais e de forte dependência da terra, ficando, assim, sujeito às vicissitudes do clima. (ARAÚJO, 2005, pag2)

Esta prostração perante a vida garante aos nordestinos a imagem de um povo sofrido – que realmente é verdadeira -, mas também de um povo que, cansado da situação humilhante, resigna-se apenas a viver a vida esperando algum milagre acontecer. É claro que não podemos generalizar, pois há regiões pertencentes ao Nordeste brasileiro onde não há tanta adversidade, mas mesmo nessas regiões com uma situação social levemente elevada, recebem o preconceito por parte de outras regiões que sempre carregam a imagem do nordestino como um homem preguiçoso, que não leva o trabalho a sério.

Logo, ao visitar São Saruê, o narrador depara-se com cenas que causam alívio e inquietação ao comparar com a sua realidade.

O povo de São Saruê  
tudo tem felicidade  
passa bem anda decente  
não há contrariedade  
não precisa trabalhar  
e tem dinheiro a vontade

Lá os tijolos das casas  
são de cristal e marfim  
as portas barras de pratas  
fechaduras de “rubim”  
as telhas folhas de ouro  
e o piso de cetim

Feijão lá nasce no mato  
maduro e já cozinhado  
o arroz nasce nas várzeas  
já prontinho e dispoldado  
peru nasce de escova  
sem comer vive cevado

Tudo lá é bom e fácil  
não precisa se comprar  
não há fome nem doença  
o povo vive a gozar  
tem tudo e não falta nada  
sem precisar trabalhar

(ABREU apud TETTAMANZY, 2005, p.120-122)

Não é somente São Saruê que apresenta um mundo fantástico e utópico, ao mesmo tempo, dentro da Literatura de Cordel. Encontramos outros títulos de folhetos que espelham essa busca por um mundo de oportunidades e realização e

que mostram uma vontade coletiva escondida em cada verso escrito pelos autores. Alguns folhetos relatam o “maravilhoso” utilizando-se da comicidade, como, por exemplo, “Uma viagem ao céu” de Leandro Gomes de Barros, outro expoente da Literatura de Cordel. Neste folheto, o autor canta sua viagem ao Céu e relata sua conversa com um anjo, que, presenciando a situação difícil na qual o trovador se encontrava – até mesmo a sua “venda” já tinha falido e alguns móveis do estabelecimento serviram de base para a construção de algumas partes da casa do autor -, decide levá-lo ao Paraíso para que encontre uma nova realidade, sem sofrimento e com fartura em abundância.

Uma vez eu era pobre  
 vivia sempre atrasado  
 botei um negócio bom  
 porém vendi-o fiado  
 um dia até emprestei  
 o livro do apurado

Dei a balança de esmola  
 e fiz lenha do balcão  
 desmanchei as prateleiras  
 e fiz delas um marquezão  
 porém roubaram a minha cama  
 fiquei dormindo no chão

[...]

Pus a mão na cabeça  
 fiquei pensando na vida  
 quando do lado do céu  
 chegou uma alma perdida  
 perguntou era o senhor que vendia bebida?

(BARROS, 1943, p.1)

Com a chegada da “alma perdida”, o dono do estabelecimento surpreende-se com aquele ser que caía do céu e perguntava pelo homem que vendia bebida. Seria até considerado um pecado para o imaginário cristão o fato de um anjo – ser considerado puro aos olhos de Igreja – procurar por bebida, mas este seria um aspecto de aproximação com os sertanejos nordestinos, que têm na bebida uma característica comum ao longo dos séculos – não esquecendo que a região Nordeste sempre foi uma grande produtora de cana – de - açúcar, matéria - prima da cachaça.



A viagem ao céu começa com uma breve passagem ao purgatório e com a imagem do castigo de pessoas consideradas ateias – neste momento, o autor demonstra um forte apelo religioso, outro aspecto comum aos folhetos nordestinos.

E lá subi com a alma  
num automóvel de vento  
então a alma me mostrava  
todo aquele movimento  
as maravilhas mais lindas  
que existe no firmamento

Passamos no purgatório  
tinha um pedreiro caindo  
mais adiante era o inferno  
e tinha o diabo cantando  
e a alma de um ateu  
presa num tronco apanhando

(BARROS, 1943, p.3)

O mito do País da cocanha ressurgue neste folheto, praticamente, com as mesmas características que aparecera anteriormente em “Uma Viagem a São Saruê”, de Manoel Camilo dos Santos. A ideia de “matar a fome” é fortemente elucidada no cordel de Leandro Gomes de Barros juntamente com a visão religiosa sobre o assunto, pois a falta de alimento é sanada somente quando chegamos ao céu, partindo do princípio de que somos bons cristãos e, conseqüentemente, merecedores dessa grande graça. Não somente a fome era exterminada, mas também a pobreza já que dinheiro brotava de plantações divinas.

Vi na horta de São Pedro  
arvoredos bem criados  
tinha pés de plantações  
que estavam bem carregados  
pés de libras esterlinas que já estavam deitados.

Vi cerca de queijo e prata  
e lagoa de coalhada  
atoleiro de manteiga  
mata de carne guisada riacho de vinho do porto  
só não tinha imaculada.

Prata de quinhentos mil reis  
eles lá chamam caipora  
botavam trabalhadores  
para jogar tudo fora,

esses níqueis de cruzados  
lá nascem toda hora.

(BARROS, 1943, p.5)

Também há uma forte apelação à imagem de São Pedro, transformando este em um “personagem” próximo ao homem comum. Em alguns momentos, podemos imaginar um Santo cômico, beirando o ridículo – tendo a visão católica como base, mas compadecido com o sofrimento daquele homem que está visitando o Céu.

Afinal cheguei ao céu  
a alma bate na porta  
com pouco chegou São Pedro  
que estava pela horta  
perguntou-lhe: esta pessoa  
ainda é viva ou é morta?

Então a alma respondeu:  
é viva, estava no mundo  
não tinha do que viver  
está feito vagabundo  
lá quem não for bem sabido  
passa fome vive imundo

São Pedro aí perguntou:  
o mundo lá como vai?  
Eu aí disse: meu Santo  
Lá, filho rouba de pai  
Está se vendo que o mundo  
Por cima do povo cai.

(BARROS, 1943, p.4)

Justamente o lado cômico é o que aproxima o Santo Homem ao sertanejo simples que, ainda vivo, está de passagem pelo Céu. O seguinte trecho representa essa ideia já que São Pedro e a alma “perdida” que encontrara o homem simples na terra também apreciam a “imaculada aguardente” – ou, como conhecemos, a cachaça.

Me disse a alma: eu aceito  
E lhe agradeço eternamente  
Porque moro no céu, mas já  
Inda não entra aguardente  
São Pedro inda plantou cana

Porém perdeu a semente.

Bebeu obra de 3 contas  
 ficou satisfeita  
 disse: aguardente correta  
 imaculada direita  
 isso é o que chamo bebida  
 essa aqui ninguém enjeita

[...]

Eu ainda levava um pouco  
 Da gostosa imaculda  
 Dei a ele e ele disse:  
 Aguardente raciada!  
 E aí me disse: entre  
 Aqui não lhe falta nada

(BARROS, 1943, p.4)

Desta forma, podemos considerar o mito do País da Cocanha como um recurso recorrente a muitos cordelistas nordestinos já que este mito medieval recria a imagem de um mundo perfeito aos olhos daqueles que sofrem com a vida árdua e com a falta de suprimentos básicos.

Contudo, São Saruê e o Céu – este último recriado com um forte apelo à comicidade por Leandro Gomes de Barros, complementam-se, pois a crença em uma vida melhor e digna, sonhada por muitos nordestinos, ilustra esses folhetos – mesmos esses não sendo folhetos atuais, ainda servem de base para muitos outros cordelistas que cantam suas amarguras a respeito da vida.

A utopia da cocanha está enraizada no imaginário coletivo popular do nordestino, está enraizada nos diferentes instantes das suas conversas que tem no cordel, nos contos populares e nos folguedos as suas várias formas de expressão. Esse lugar continua presente no imaginário popular do sertanejo, que vive lá no Semi-Árido nordestino que é um lugar de uma “era uma vez” ou de “como antigamente”. Portanto, a história desse país imaginário, na cultura sertaneja é uma utopia do “seu rei mandou dizer” de um instante e no momento que está entremeada na vida cotidiana contemporânea dos seus habitantes. (FRANCO apud TRIGUEIRO, 1998, p.3)

### 3.4 Mito versus Realidade atual

Não há como ignorar a importância da Natureza e seus reflexos sobre a vida dos nordestinos. Quando uma longa seca aproxima-se, todos se preparam para mudar de vida ou aprendem a conviver com o forte calor e as conseqüências que esse fenômeno causa.

Quando se anuncia uma seca prolongada, o Sertão se esvazia de gente e de gado. As famílias abastadas encontram refúgio entre os parentes que moram em lugares mais amenos. [...] Para o restante da população, é a miséria das grandes caminhadas, que finalmente empreendem quando não há mais esperanças de chuva,[...]. (QUEIROZ, 1977, p. 26)

Tendo esta realidade em vista, muitas pessoas que vivem em áreas castigadas pela seca acabam por levar a vida de acordo com o tempo. Infelizmente, continuamos a nos deparar com estas imagens até hoje. Certamente, por conta dessa vida sofrida, o povo prefere acreditar em alguma intervenção divina, pois os homens que mandam já não fazem nada há tempos. Com isto, é comum lermos algum folheto de cordel em que o autor pede ajuda ao Céu como única fonte de milagres para a pobreza de sua alma.

Porém, não há solução mais imediata do que sair em busca do paraíso na terra. E isso ocorre quando não há saída para os nordestinos; ter que deixar a sua terra e recomeçar uma nova vida em outro lugar. O mito aparece em alguns folhetos como forma aliviar o sofrimento e criar perspectiva de melhora para a situação em lugares fantasiosos, mágicos por sua vez. Como a fantasia não faz parte do cotidiano de um nordestino, a busca pelo paraíso começa em outras regiões do Brasil.

O autor Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré, traduz em versos a angústia de um nordestino que deixa seu estado atrás de um sonho incerto em outras capitais do país. Dentre tantos folhetos dedicados a esse tema, destacaremos um deles, intitulado “Emigração e as conseqüências” para servir de ilustração para o descaso e preconceito que sofrem o homem e a mulher nordestina que saem sem rumo.

Neste estilo popular  
 Nos meus singelos versinho,  
 O leitor vai encontrar  
 Em vez de rosas espinhos  
 Na minha penosa lida  
 Conheço do mar da vida  
 As temerosas tormentas  
 Eu sou poeta da roça  
 Tenho mão calosa e grossa  
 Do cabo das ferramentas

Por força da natureza  
 Sou poeta nordestino  
 Porém só conto pobreza  
 Do meu mundo pequenino  
 Eu não sei contar as glórias  
 Nem também conto as vitórias  
 Do herói com seu brasão  
 Nem o mar com suas águas  
 Só sei contar minhas mágoas  
 E as mágoas do meu irmão

(ASSARÉ, 2007, p.89)

Neste trecho, Patativa do Assaré relata em versos a dor de deixar sua terra e as mágoas que ficaram de lá. A falta de oportunidade e de várias outras coisas ajuda a tornar mais penosa essa dor. Nota-se que autor fala de sua realidade diretamente ao leitor, despindo-se de qualquer vergonha, seria um desabafo direcionado.

Nesta batalha danada,  
 Correndo pra lá e pra cá  
 Tenho a pele bronzeada  
 Do sol do meu Ceará  
 Mas o grande sofrimento  
 Que abala o meu sentimento  
 Que a providência me deu  
 É saber que há outros desgraçados  
 Por esse mundo jogados  
 Sofrendo mais do que eu.

(ASSARÉ, 2007, p.90)

Um outro aspecto importante desta poesia é o posicionamento do autor perante o descaso das autoridades com o sofrimento do povo nordestino. Patativa do Assaré conversa com o leitor sobre isso, como num ato de indignação.

Leitor, a verdade assino  
 É sacrifício de morte  
 O do pobre nordestino  
 Desprotegidos da sorte  
 Como bardo popular  
 Nesta referência séria  
 Muito desgostoso fico  
 Por ver num país tão rico  
 Campear tanta miséria

[...]

A fome é o maior martírio  
 Que pode haver neste mundo,  
 Ela provoca delírio  
 E o sofrimento profundo  
 Tira o prazer e a razão  
 Quem quiser ver a feição  
 Da cara da mãe da peste,  
 Na pobreza permaneça,  
 Seja agregado e padeça  
 Uma seca no Nordeste

(ASSARÉ, 2007, p.93)

Logo, a realidade encontrada fora do Nordeste é ainda mais devastadora, pois além de conviverem com a falta de emprego e com a miséria, muitos nordestinos que vivem no Sul se deparam principalmente com o preconceito, a grande barreira que impede a construção de uma nova vida. Se no mundo fantasioso baseado no mito da Cocanha, São Saruê era apresentado como a terra de pessoas boas e educadas – características que causavam surpresa a quem visitava esse paraíso –, no mundo real, o comportamento das pessoas é diferente, o paraíso se transforma em martírio e sair desse mundo é o principal objetivo. Contudo, não temos como objetivo comparar dois mundos – o mito e a realidade –, mas compreender que o sonho nordestino por um mundo melhor atinge a esfera da literatura como algo mágico, maravilhoso, pois há uma consciência de que o mundo “exterior” já é árduo o suficiente para transpor em versos. Tão árduo que até a cor da esperança perde o sentido para o autor. Em “ABC do flagelado”, Patativa do Assaré continua a cantar sua desilusão e dor perante a vida dos migrantes nordestinos.

E – em tudo que se vê mudança  
Quem repara vê até  
Que o camaleão que é  
Verde da cor da esperança  
Com o flagelo que avança  
Muda logo de feição  
O verde camaleão  
Perde a sua cor bonita  
Fica de forma esquisita  
Que causa admiração

[...]

I – Ilusão, prazer, amor  
A gente sente fugir,  
Tudo parece carpir  
Tristeza, saudade e dor  
Nas horas de mais calor  
Se escuta pra todo lado  
O toque desafinado  
Da gaita da siriema  
Acompanhando o cinema  
No nordeste flagelado

(ASSARÉ, 2007, p.124)

Nestes trechos extraídos de Patativa do Assaré (2007), percebemos a dor e a desilusão com o mundo novo que parece castigar mais o homem sertanejo. O autor relata, durante a poesia “ABC do flagelado”, a angústia de viver na miséria e a dor de passar por todas as amarguras longe da família. Porém. Para o homem que sai de sua terra em busca de um lugar melhor, o esforço e a crença no futuro são bases para o pai de família que deixou esposa, filhos, pai e mãe no sertão.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de cordel tem como sua principal base a oralidade e, por esta razão, sobrevive até hoje – mesmo com tantos outros meios de comunicação presentes atualmente. A oralidade é a principal forma de manifestação de qualquer cultura dita popular no cordel, esta característica permanece intrínseca a todos os folhetos que são produzidos.

A literatura oral é a raiz de toda literatura já que a transmissão de conhecimento passa primeiramente pelo dito para, finalmente, tornar-se palavras escritas em livros, artigos e poesias. Essa tradição oral ultrapassa gerações, dando-nos a oportunidade de resgatar sabedorias populares e perpetuá-las na escrita.

Não podemos isolar a tradição oral, caso contrário, estaríamos colocando à parte uma tradição que traz consigo resquício de histórias, sejam ela oriundas da Idade Média ou de outra determinada época. Também estaríamos deixando de lado a produção artística de pessoas que, teoricamente, não pertenciam a uma classe detentora de grande conhecimento, mas mesmo assim não se abatiam e continuavam a realizar suas artes.

Assim como na Idade Média, o cordel tem sua raiz na oralidade e também na escrita popular daqueles que colocam no papel, de forma simples, o que se passa na realidade. Podemos imaginar o cordel como um “jornal” das pessoas mais simples, pois muitos encontram nesta manifestação popular a única forma de contato com o mundo exterior.

Muitos autores ainda sobrevivem das palavras escritas nos cordeis, obviamente que não há tantos autores como tínhamos antigamente, pois com o surgimento de outras formas de expressão o cordel também evoluiu dentro deste paradigma. Porém, há muitos outros autores que realizam poesias de acordo com o imaginário popular e, fazendo disso, uma continuidade da cultura oriunda do povo que surgira em décadas passadas. É sabido da grande importância que a literatura de cordel tem na região do Nordeste brasileiro e do forte preconceito que esta mesma literatura ainda causa em vários ambientes, até mesmo no meio acadêmico, lugar onde lentamente as portas estão sendo abertas à cultura popular e a suas manifestações artísticas.



É fato de que até mesmo nas escolas de ensino fundamental e médio ainda não se tem trabalhado com a literatura de cordel como se deveria, há muita resistência em levar aquilo que é popular para dentro da sala de aula – lugar onde a educação tradicional prevalece, não cedendo espaço para a troca de conhecimentos propriamente dita.

Em contrapartida, o cordel apresenta em seus versos toda a diversidade de um povo, juntamente com sua inteligência e genialidade em realizar cantigas, poesias de acordo com sua imagem e realidade. O ambiente social da região Nordeste propicia a criação desta manifestação. Os trovadores, repentistas e outros divulgadores dos cordéis cantam suas façanhas a céu aberto, para quem quiser ouvir. Desta forma, a cultura popular ganha espaço nos grandes centros urbanos nordestinos.

Tudo conduziu para o Nordeste se tornar o ambiente ideal em que surgiria forte, atraente, vasta a literatura de cordel. Em primeiro lugar, as condições étnicas: o encontro do português e do africano ali se fez de maneira estável, contínua, não esporadicamente. Houve tempo suficiente para a fusão ou absorção de influências. Depois, o próprio ambiente social oferecia condições que propiciavam o surgimento dessa forma de comunicação literária, a difusão da poesia popular através de cantorias em grupos e de forma escritas. (DIEGUES JUNIOR, 1986, p. 39)

Portanto, os folhetos escritos pelos poetas, trovadores e repentistas tornam-se público através do próprio artista, pois essa forma de divulgação sempre foi a mais viável para a maioria dos poetas, músicos, trovadores. Eles contam apenas com sua obra e sua voz para que sua poesia, cantiga ou música ganhe vida e destaque perante o público.

A cantoria de cordel, bem como a literatura oral, exerce funções de entretenimento, diversão, informação, enunciação de uma moral coletiva, homogeneização do grupo social e da comunidade, para um público de pequenos camponeses semi-analfabetos, [...]. (VASSALO, 1993, p.76)

A Literatura de Cordel, mesmo com a produção reduzida – algo natural ao longo do tempo – ainda é uma manifestação de raízes populares que traz a voz do autor como o grande representante de uma voz coletiva. A oralidade se faz presente nesta literatura de cordel, seja na métrica, na rima, na sua estética ou na maneira

como a poesia é escrita. O popular ressurgiu em poesias que, muitas vezes, levam informação a muitos moradores do sertão nordestino que vivem isolados, em um mundo à parte.

O objetivo deste trabalho foi o de reconhecer esse mundo real do Nordeste brasileiro e registrar que este mundo está passando por transformações lentas, mas ainda com esperança na mudança. Vale ressaltar a importância que o cordel tem para a literatura brasileira, podemos dizer que foi uma das primeiras manifestações artísticas realizadas no Brasil. Cada folheto de cordel representa uma vontade genuinamente popular, a fala e a escrita de uma classe social que não tem vez em nossa sociedade.

Através da análise de vários textos aqui apresentados, pudemos perceber que a Literatura de Cordel, primeiramente, ainda não recebe a atenção que deveria por parte dos educadores do nosso país e, até mesmo, daqueles que desenvolvem trabalhos no meio acadêmico. É fato de que os folhetos escritos na região Nordeste do Brasil acabam por permanecer por lá, sem expandir sua cultura a outras regiões do país, tornando – se a manifestação exclusiva do povo nordestino.

Esse mesmo povo que muitas vezes se depara com a humilhação e preconceito realiza produções artísticas, dentre elas a Literatura de Cordel, que são verdadeiras obras-primas no que tange a área do improviso e da criatividade. Cada verso, rima, métrica apresenta uma perfeição dentro do estilo criado por autores que cantam suas peripécias, seus amores ou suas amarguras diante da vida e, principalmente, da sociedade.

Esse tipo de literatura, que preza a oralidade, traz consigo toda a bagagem cultural de um povo, mostrando sua genialidade e tirando – os do papel de coadjuvante de uma determinada situação e transformando - os em atores principais de cenas da vida real. Durante este trabalho, pesquisamos sobre folhetos que traziam a esperança de uma comunidade em uma vida melhor, por isso, de forma brilhante, muitos autores utilizaram – se de mitos antigos para acalantar essa população que sofre com o dia-a-dia difícil que enfrentam. Este recurso aparece em alguns cordéis com o intuito de mostrar que a crença em um “Paraíso” é válida, mas que todos sabem que os caminhos da vida se apresentam de modos diferentes a cada um. O sofrimento pela falta de água, comida, dinheiro transforma os sertanejos – habitantes do interior da região nordestina – em heróis, sem a necessidade de encontrar somente um messias para salvar o povo dos infortúnios da vida.

Com este trabalho, fica evidente a busca de um novo Éden através da literatura, como uma forma de aclamar, pedir ajuda, ou expandir um grito de ajuda que há tempo não é ouvida por muitos em nosso país. Tendo como base a frase de Euclides da Cunha, em seu livro célebre “Os Sertões”, temos de concordar que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e Folhetos*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

ALCOFORADO, Doralice. *Literatura Oral e Popular*, Paraná, Revista Boitatá, 1999. Disponível <[http://www2.uel.br/revistas/boitata/?content=volume\\_especial\\_2008.htm](http://www2.uel.br/revistas/boitata/?content=volume_especial_2008.htm)> Acesso em: 2 dez.2009)

ALMEIDA, Marlon Mello de. *Imagens femininas na literatura de cordel*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

ARAÚJO, Sofia de Melo. *Nota Explicativa a Viagem a São Saruê, de Manoel Camilo dos Santos*. 2005.

Disponível em: <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>> Acesso em: 18 nov. 2009.

ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá, que eu canto cá*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978

\_\_\_\_\_. *Uma voz do Nordeste*. São Paulo: Hedra, 2007.

AZEVEDO, Ricardo. *Formas literárias populares e formação de leitores*. In: RETTENMAIER, Miguel; BARBOSA, Márcia H.S.; RÖSING, Tânia M.K. *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo: UPF, 2004, 260 p.

BARROS, Leandro Gomes. *Uma viagem ao céu.*, 1943.

Disponível em: <<http://www.qprocura.com.br/dp/3577/Uma-Viagem-ao-Ceu.html>> Acessado em: 4 dez. 2009.

CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos poetas populares do nordeste*. 2. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas sócias, 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. *-Literatura Oral no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Global, 2006

\_\_\_\_\_. *Locuções Tradicionais no Brasil*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

CAVIGNAC, Julie. *Literatura de cordel e tradição oral: o exemplo do sertão do Rio Grande do Norte*. In: *Fronteiras do literário*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1995.

DIÉGUES JR., Manuel et al. *Literatura de Cordel*. In: *Cadernos de Folclore*, nº2. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1975.

\_\_\_\_\_. *Literatura popular em versos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo ; Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Madrid: Guadarrama, 1967.

FRANCO JR., Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense. 1992.

MAXADO, Franklin. *Cordel, xilogravura e ilustrações*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

NOGUEIRA, Carlos. *Literatura de Cordel Portuguesa: história, teoria e interpretação*. 3. ed. Lisboa: Apenas Livros, 2006.

OLIVEIRA, Marlon Anderson de: *Os efeitos da colonização na construção da identidade do povo nordestino*. Rio Grande do Norte. 2008. Disponível em: <[www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais)>

QUEROZ, Maria Isaura Pereira. *Os cangaceiros*. São Paulo: Duas Cidade, 1977.

RIBEIRO, Leda Tâmega. *Mito e Poesia*. Rio de Janeiro : Funarte, 1987.

SANTOS, Olga de Jesus. *O povo conta a história*. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *O Cordel: testemunha da história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ébano, 1987. p. 5 – 23.

SARAIVA, Arnaldo. *Literatura marginal / izada*. Porto: Edições Árvores, 1980

TAVARES, Bráulio. *Contando histórias em versos: poesia e romanceiro popular no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005, 160 p.

TAVARES JR., Luiz. *O mito na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1980.

TETTAMANZY, Ana Lúcia: *Mitos utópicos: da idade de ouro à "terra sem males"*. 2007. Disponível em: <<http://www.fapa.com.br/cienciaseletras>>

TINHORÃO, José Ramos. *Cultura Popular: temas e questões*. São Paulo: ed. 34, 2001. 192 p.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. *Cocanha: o encantamento medieval e contemporâneo no cordel*. In: UNIrevista, vol.1, nº3. Paraíba: UFPB, 2006.

VASSALO, Lúcia. *O sertão medieval*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

WEITZEL, Antônio Henrique. *Folclore literário e lingüístico; pesquisas de literatura oral e de linguagem popular*. 2.ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.

## **ANEXO A – VIAGEM A SARUÊ**





## Viagem a São Saruê

Eu que desde pequenino  
sempre ouvia falar  
neste tal São Saruê  
destinei-me a viajar  
com ordem do pensamento  
fui conhecer o lugar.

Iniciei a viagem  
as quatro da madrugada  
tomei o carro da brisa  
passei pela alvorada  
junto do quebrar da barra  
eu vi a aurora abismada

Avistei uma cidade  
como nunca vi igual  
toda coberta de ouro  
e forrada de cristal  
ali não existe pobre  
é tudo rico em geral.

Lá eu vi rios de leite  
barreiras de carne assada  
lagoas de mel de abelha  
atoleiros de coalhada  
açudes de vinho do porto  
montes de carne guisada

Uma barra de ouro puro  
servindo de placa eu vi  
com as letras de brilhantes  
chegando mais perto eu li  
dizia: São Saruê  
é este lugar aqui.

As pedras em São Saruê  
são de queijo e rapadura  
as cacimbas são café  
já coado e com quentura  
de tudo assim por diante  
existe grande fartura

O povo de São Saruê  
tudo tem felicidade  
passa bem anda decente  
não há contrariedade  
não precisa trabalhar  
e tem dinheiro a vontade

Feijão lá nasce no mato  
maduro e já cozinhado  
o arroz nasce nas várzeas  
já prontinho e dispoldado  
peru nasce de escova  
semcomer vive cevado

Lá os tijolos das casas  
são de cristal e marfim  
as portas barras de pratas  
fechaduras de “rubim”  
as telhas folhas de ouro  
e o piso de cetim

Tudo lá é bom e fácil  
não precisa se comprar  
não há fome nem doença  
o povo vive a gozar  
tem tudo e não falta nada  
sem precisar trabalhar

Lá quando nasce um menino  
não dar trabalho a criar  
já é falando e já sabe  
ler, escrever e contar  
salta, corre, canta e faz  
tudo quanto se mandar

Lá tem um rio chamado  
o banho da mocidade  
onde um velho de cem anos  
tomando banho a vontade  
quando sai fora parece  
ter vinte anos de idade

Tudo lá é festa e harmonia  
amor, paz, benquerer, felicidade  
descanso, sossego e amizade  
prazer, tranqüilidade e alegria;  
na véspera de eu sair naquele dia

um discurso poético lá eu fiz,  
me deram a mandado de um juiz  
um anel de brilhante e de “rubim”  
no qual um leteiro diz assim:  
- É feliz quem visita este País

É um lugar magnífico  
onde eu passei muitos dias  
bem satisfeito e gozando  
prazer, saúde, alegrias  
todo esse tempo ocupei-me  
em recitar poesias

Vou terminar avisando  
a qualquer um amiguinho  
que quiser ir pra lá  
posso ensinar o caminho,  
porém só ensino a quem  
me comprar um folhetinho  
Emigração e as conseqüências

Neste estilo popular  
Nos meus singelos versinhos  
O leitor vai encontrar  
Em vez de rosas espinhos  
Na minha penosa lida  
Conheço do mar da vida  
As temerosas tormentas eu sou da roça  
Tenhos mão calosa e grossa  
Do cabo das ferramentas

Por força da natureza  
Sou poeta nordestino  
Porém só conto pobreza  
Do meu mundo pequenino  
Eu não sei contar as glórias  
Nem também conto as vitórias  
Do herói com o seu brasão  
Nem o mas com suas águas  
Só sei contar as minhas mágoas  
E as mágoas do meu irmão

De contar a desventura  
Tenho sobrada razão  
Pois vivo de agricultura  
Sou camponês do sertão

Sou um caboclo roceiro  
Eu trabalho o dia inteiro  
Exposto ao frio e ao calor  
Sofrendo a lida pesada  
Puxando o cabo da enxada  
Sem arado e sem trator

Nesta batalha danada,  
Correndo pra lá e pra cá  
Tenho a pele bronzeada  
Do sol do meu Ceará  
Mas o sofrimento  
Que a providência me deu  
É saber que há desgraçados  
Por esse mundo jogados  
Sofrendo mais do que eu

É saber que há gente muita gente  
Padecendo privação  
Vagando constantemente  
Sem roupa, sem lar, sem pão  
É saber que há inocentes  
Infelizes indigentes  
Que por esse mundo vão

## **ANEXO B – UMA VIAGEM AO CÉU**

.UVBPVO

# Uma Viagem == Ao Céu ==



Aut. do: LEANDRO GOMES DE SAES  
ed. do: José Antonio Albergale (cat. I)

FC-889

194

143

106,205

## Uma Viagem ao Céu

Uma vez eu era pobre  
vivia sempre atrasado  
botei um negócio bom  
porém vendi-o fiado  
um dia até emprestei  
o livro do apurado.

Dei a balança de esmola  
e fiz lenha do balcão  
desmanchei as prateleiras  
fiz delas um marquezão  
porém roubaram-me a cama  
fiquei dormindo no chão.

Estava pensado na vida  
como havia de passar  
não tinha mais um vintém  
nem jeito pra trabalhar  
o marinheiro dá venda  
não queria mais fiar.

Pus a mão sôbre a cabeça  
fiquei pensando na vida  
quando do lado do céu  
chegou uma alma perdida  
perguntou era o senhor  
que aí vendia bebida?

( 2 )

Eu disse que era eu mesmo  
e a venda estava quebrada  
mas se queria um pouquinho  
ainda tinha guardada  
obra de uns 2 garrafões  
de aguardente imaculada.

Me disse a alma: eu aceito  
e lhe agradeço eternamente  
porque moro no céu, mas lá  
inda não entra aguardente  
São Pedro inda plantou cana  
porém perdeu a semente.

Bebeu obra de 3 contas  
ficou muito satisfeita  
disse: aguardente correta  
imaculada direita  
isso é o que chamo bebida  
essa aqui ninguém enjeita.

Perguntei-lhe alma quem és?  
disse ela: tua amiga  
vim te dizer que te mude  
aqui não dá nem intriga  
quer ir para o céu comigo?  
lá é que se bota barriga.



( 3 )

E lá subi com a alma  
num automóvel de vento  
então a alma me mostrava  
todo aquele movimento  
as maravilhas mais lindas  
que existe no firmamento.

Passamos no purgatório  
tinha um pedreiro caíando  
mais adiante era o inferno  
tinha um diabo cantando  
e a alma de um ateu  
prêsa num tronco apanhando.

Afinal cheguei no céu  
a alma bateu na porta  
com pouco chegou São Pedro  
que estava pela horta  
perguntou-lhe: esta pessoa  
ainda é viva ou é morta?

Então a alma respondeu:  
é viva, estava no mundo  
não tinha de que viver  
está feito um vagabundo  
lá quem não fôr bem sabido  
passa fome vive imundo.

( 4 )

São Pedro aí perguntou:  
o mundo lá como vai?  
eu aí disse: meu Santo  
lá, filho rouba do pai  
está se vendo que o mundo  
por cima do povo cai.

Eu ainda levava um pouco  
da gostosa imaculada  
dei a ele e ele disse:  
aguardente raciada!  
e aí me disse: entre  
aqui não lhe falta nada.

Arrastou uma cadeira  
e mandou eu me sentar  
chamou um criado dele  
disse: cuide em se arrumar  
vá lá dentro e diga a ama  
que bote um grande jantar.

Quando acabei de jantar  
o Santo me convidou  
disse: vamos lá na horta  
fui, ele me mostrou  
coisas que me admirava  
e tudo me embelezou.

( 5 )

Vi na horta de São Pedro  
arvorêdos bem criados  
tinha pés de plantações  
que estavam carregados  
pés de libras esterlinas  
que já estavam deitados.

Vi cêrca de queijo e prata  
e lagoa de coalhada  
atoleiro de manteiga  
mata de carne guisada  
riacho de vinho do pôrto  
só não tinha imaculada,

Prata de quinhentos réis  
eles lá chamam caipora  
botavam trabalhadores  
para jogar tudo fora,  
esses niqueis de cruzados  
lá nascem de hora em hora.

Então São Pedro me disse:  
quero fazer-lhe presente  
quando você fôr embora  
vou lhe dar uma semente  
você mesma vai escolher  
aquela mais excelente.

Deu-me dez pés de dinheiro  
alguns querendo botar,  
filhos de queijo do reino

(6)

já querendo safrejar,  
uns caroços de brilhante  
pra eu na terra plantar.

Galhos de libras esterlinas  
deu-me cento e vinte pés  
deu-me um saco de semente  
de cédulas de cem mil réis  
deu-me maniva de prata  
e diamante umas dez.

Aí chamou Santa Bárbara  
esta veio com atenção  
São Pedro aí disse a ela:  
eu quero uma arrumação  
este moço quer voltar  
arranje-lhe uma condução.

— Bote cangalha num raio  
e a sela num trovão  
veja se arranja um corisco  
para ele levar na mão  
porque daqui para a terra  
existe muito ladrão.

Eu desci do céu alegre  
comigo não foi ninguém  
passei pelo purgatório  
ouvi um barulho além  
era a velha minha sogra  
que dizia: eu vou também.

(7)

Eu lhe disse: minha sogra  
eu não posso a conduzir  
ela me disse: eu lhe mostro  
porque razão hei de ir  
e se não fôr apago o raio  
quero ver você seguir.

Nisso o raio se apagou  
desmantelou-se o trovão  
o corisco que trazia  
escapollu-se da mão  
e tudo quanto eu trazia  
caiu desta vez no chão.

Aí a velha voltou  
rogando praga e uivando  
quando entrou no purgatório  
foi se mordendo e babando  
dizendo tudo de miú  
lançando fogo e falando

Bem dizia meu avô:  
sogra, nem depois de morta  
fede a carniça de corpo  
a língua da alma corta  
não diz assim quem não viu  
uma sogra em sua porta.

( 8 )

Eu vinha com isso tudo  
que o santo tinha me dado  
mas minha sogra apanhou  
o diabo descuidado  
fiquei pior do que estava  
perdi o que tinha achado.

E quando eu cheguei em casa  
a mulher quase me come  
ainda pegou um cacete  
e me chamou tanto nome  
e disse que eu casei com ela  
para matá-la de fome.

Se não lósse minha sogra  
eu hoje estava arrumado,  
mas ela no purgatório  
achou tudo descuidado  
abriu a porta e danou-se  
veio deixar-me encaiporado.

Nunca mais voltei ao céu  
para falar com São Pedro  
e ainda mesmo que possa  
não vou porque tenho medo  
posso encontrar minha sogra  
e vai de novo outro enredo

F I M

**ANEXO C – PATATIVA DO ASSARÉ UMA VOZ  
DO NORDESTE:  
ABC DO NORDESTE FLAGELADO**





## ABC DO NORDESTE FLAGELADO

A — Ai, como é duro viver  
nos Estados do Nordeste  
quando o nosso Pai Celeste  
não manda a nuvem chover.  
É bem triste a gente ver  
findar o mês de janeiro  
depois findar fevereiro  
e março também passar,  
sem o inverno começar  
no Nordeste brasileiro.

B — Berra o gado impaciente  
reclamando o verde pasto,  
desfigurado e arrasto,  
com o olhar de penitente;  
o fazendeiro, descrente,  
um jeito não pode dar,  
o sol ardente a queimar  
e o vento forte soprando,  
a gente fica pensando  
que o mundo vai se acabar.

C — Caminhando pelo espaço,  
como os trapos de um lençol,  
pras bandas do pôr do sol,  
as nuvens vão em fracasso:  
aqui e ali um pedaço  
vagando... sempre vagando,  
quem estiver reparando  
faz logo a comparação  
de umas pastas de algodão  
que o vento vai carregando.

D — De manhã, bem de manhã,  
vem da montanha um agouro  
de gargalhada e de choro  
da feia e triste cauã:  
um bando de ribançã  
pelo espaço a se perder,  
pra de fome não morrer,  
vai atrás de outro lugar,

e ali só há de voltar,  
um dia, quando chover.

E — Em tudo se vê mudança  
quem repara vê até  
que o camaleão que é  
verde da cor da esperança,  
com o flagelo que avança,  
muda logo de feição.  
O verde camaleão  
perde a sua cor bonita  
fica de forma esquisita  
que causa admiração.

F — Foge o prazer da floresta  
o bonito sabiá,  
quando flagelo não há  
cantando se manifesta.  
Durante o inverno faz festa  
gorjeando por esporte,  
mas não chovendo é sem sorte,  
fica sem graça e calado  
o cantor mais afamado  
dos passarinhos do norte.

G — Geme de dor, se aquebranta  
e dali desaparece,  
o sabiá só parece  
que com a seca se encanta.  
Se outro pássaro canta,  
o coitado não responde;  
ele vai não sei pra onde,  
pois quando o inverno não vem  
com o desgosto que tem  
o pobrezinho se esconde.

H — Horrroso, feio e mau  
de lá de dentro das grotas,  
manda suas feias notas  
o tristonho bacurau.  
Canta o João corta-pau  
o seu poema funério,  
é muito triste o mistério  
de uma seca no sertão;  
a gente tem impressão

que o mundo é um cemitério.

I — Ilusão, prazer, amor,  
a gente sente fugir,  
tudo parece carpir  
tristeza, saudade e dor.  
Nas horas de mais calor,  
se escuta pra todo lado  
o toque desafinado  
da gaita da seriema  
acompanhando o cinema  
no Nordeste flagelado.

J — Já falei sobre a desgraça  
dos animais do Nordeste;  
com a seca vem a peste  
e a vida fica sem graça.  
Quanto mais dia se passa  
mais a dor se multiplica;  
a mata que já foi rica,  
de tristeza geme e chora.  
Preciso dizer agora  
o povo como é que fica.

L — Lamento desconsolado  
o coitado camponês  
porque tanto esforço fez,  
mas não lucrou seu roçado.  
Num banco velho, sentado,  
olhando o filho inocente  
e a mulher bem paciente,  
cozinha lá no fogão  
o derradeiro feijão  
que ele guardou pra semente.

M — Minha boa companheira,  
diz ele, vamos embora,  
e depressa, sem demora  
vende a sua cartucheira.  
Vende a faca, a roçadeira,  
machado, foice e facão;  
vende a pobre habitação,  
galinha, cabra e suíno  
e viajam sem destino

em cima de um caminhão.

N — Naquele duro transporte  
sai aquela pobre gente,  
agüentando paciente  
o rigor da triste sorte.  
Levando a saudade forte  
de seu povo e seu lugar,  
sem um nem outro falar,  
vão pensando em sua vida,  
deixando a terra querida,  
para nunca mais voltar.

O — Outro tem opinião  
de deixar mãe, deixar pai,  
porém para o Sul não vai,  
procura outra direção.  
Vai bater no Maranhão  
onde nunca falta inverno;  
outro com grande consterno  
deixa o casebre e a mobília  
e leva a sua família  
pra construção do governo.

P - Porém lá na construção,  
o seu viver é grosseiro  
trabalhando o dia inteiro  
de picareta na mão.  
Pra sua manutenção  
chegando dia mercado  
em vez do seu ordenado  
dentro da repartição,  
recebe triste ração,  
farinha e feijão furado.

Q — Quem quer ver o sofrimento,  
quando há seca no sertão,  
procura uma construção  
e entra no fornecimento.  
Pois, dentro dele o alimento  
que o pobre tem a comer,  
a barriga pode encher,  
porém falta a substância,  
e com esta circunstância,  
começa o povo a morrer.

R — Raquítica, pálida e doente  
fica a pobre criatura  
e a boca da sepultura  
vai engolindo o inocente.  
Meu Jesus! Meu Pai Clemente,  
que da humanidade é dono,  
desça de seu alto trono,  
da sua corte celeste  
e venha ver seu Nordeste  
como ele está no abandono.

S — Sofre o casado e o solteiro  
sofre o velho, sofre o moço,  
não tem janta, nem almoço,  
não tem roupa nem dinheiro.  
Também sofre o fazendeiro  
que de rico perde o nome,  
o desgosto lhe consome,  
vendo o urubu esfomeado,  
puxando a pele do gado  
que morreu de sede e fome.

T — Tudo sofre e não resiste  
este fardo tão pesado,  
no Nordeste flagelado  
em tudo a tristeza existe.  
Mas a tristeza mais triste  
que faz tudo entristecer,  
é a mãe chorosa, a gemer,  
lágrimas dos olhos correndo,  
vendo seu filho dizendo:  
mamãe, eu quero morrer!

U — Um é ver, outro é contar  
quem for reparar de perto  
aquele mundo deserto,  
dá vontade de chorar.  
Ali só fica a teimar  
o juazeiro copado,  
o resto é tudo pelado  
da chapada ao tabuleiro  
onde o famoso vaqueiro  
cantava tangendo o gado.

V — Vivendo em grande maltrato,  
a abelha zumbindo voa,

sem direção, sempre à toa,  
 por causa do desacato.  
 À procura de um regato,  
 de um jardim ou de um pomar  
 sem um momento parar,  
 vagando constantemente,  
 sem encontrar, a inocente,  
 uma flor para pousar.

X — Xexéu, pássaro que mora  
 na grande árvore copada,  
 vendo a floresta arrasada,  
 bate as asas, vai embora.  
 Somente o saguim demora,  
 pulando a fazer careta;  
 na mata tingida e preta,  
 tudo é aflição e pranto;  
 só por milagre de um santo,  
 se encontra uma borboleta.

Z — Zangado contra o sertão  
 dardeja o sol inclemente,  
 cada dia mais ardente  
 tostando a face do chão.  
 E, mostrando compaixão  
 lá do infinito estrelado,  
 pura, limpa, sem pecado  
 de noite a lua derrama  
 um banho de luz no drama  
 do Nordeste flagelado.

Posso dizer que cantei  
 aquilo que observei;  
 tenho certeza que dei  
 aprovada relação.  
 Tudo é tristeza e amargura,  
 indigência e desventura.  
 — Veja, leitor, quanto é dura  
 a seca no meu sertão.

**ANEXO D – PATATIVA DO ASSARÉ UMA VOZ  
DO NORDESTE:  
EMIGRAÇÃO E AS CONSEQUÊNCIAS**

## Emigração e as conseqüências

Neste estilo popular  
 Nos meus singelos versinhos  
 O leitor vai encontrar  
 Em vez de rosas espinhos  
 Na minha penosa lida  
 Conheço do mar da vida  
 As temerosas tormentas eu sou da roça  
 Tenho mão calosa e grossa  
 Do cabo das ferramentas

Por força da natureza  
 Sou poeta nordestino  
 Porém só conto pobreza  
 Do meu mundo pequenino  
 Eu não sei contar as glórias  
 Nem também conto as vitórias  
 Do herói com o seu brasão  
 Nem o mas com suas águas  
 Só sei contar as minhas mágoas  
 E as mágoas do meu irmão

De contar a desventura  
 Tenho sobrada razão  
 Pois vivo de agricultura  
 Sou camponês do sertão  
 Sou um caboclo roceiro  
 Eu trabalho o dia inteiro  
 Exposto ao frio e ao calor  
 Sofrendo a lida pesada  
 Puxando o cabo da enxada  
 Sem arado e sem trator

Nesta batalha danada,  
 Correndo pra lá e pra cá  
 Tenho a pele bronzeada  
 Do sol do meu Ceará  
 Mas o sofrimento  
 Que a providência me deu  
 É saber que há desgraçados  
 Por esse mundo jogados  
 Sofrendo mais do que eu

É saber que há gente muita gente



Padecendo privação  
Vagando constantemente  
Sem roupa, sem lar, sem pão  
É saber que há inocentes  
Infelizes indigentes  
Que por esse mundo vão  
Seguindo errados caminhos  
Sem ter da mãe os carinhos  
Nem do pai proteção

Leitor, a verdade assino  
É sacrifício de morte  
O do pobre nordestino  
Desprotegido da sorte  
Como bardo popular  
No meu modo de falar  
Nesta referência séria  
Muito desgostoso fico  
Por ver num país tão rico  
Campear tanta miséria

Quando há inverno abundante  
No meu Nordeste querido  
Fica o pobre em um instante  
Do sofrimento esquecido  
Tudo é graça, paz e riso  
Reina um verde paraíso  
Por vale, serra e sertão  
Porém não havendo inverno  
Reina um verdadeiro inferno  
De dor e de confusão

Fica tudo transformado  
Sofre o velho e sofre o novo  
Falta pasto para o gado  
E alimento para o povo  
E um drama de tristeza  
Parece que a natureza  
Trata a tudo com rigor  
Com esta situação  
O desumano patrão  
Despede o seu morador

Vendo o flagelo horroroso  
Vendo o grande desacato  
Infel e impiedoso  
Aquele patrão ingrato  
Como quem declara guerra

Expulsa da sua terra

Seu morador camponês  
O coitado flagelado  
Seu inditoso agregado  
Que tanto favor lhe fez

Sem a virtude da chuva  
O povo fica a vagar  
Como a formiga saúva  
Sem folha para cortar  
E com a dor que o consome  
Obrigado pela fome  
E a situação mesquinha  
Vai um grupo flagelado  
Para atacar o mercado  
Da cidade mais vizinha

Com grande necessidade  
Sem rancor e nem malícia  
Entra a turma na cidade  
E sem temer a polícia  
Vai falar com o prefeito  
E se este não der um jeito  
Agora o jeito que tem  
É os coitados famintos  
Invadirem os recintos  
Da feira e do armazém

A fome é o maior martírio  
Que pode haver neste mundo,  
Ela provoca delírio  
E sofrimento profundo  
Tira o prazer e a razão  
Quem quiser ver a feição  
Da cara da mãe da peste,  
Na pobreza permaneça,  
Seja agregado e padeça  
Uma seca no Nordeste

Por causa desta inclemência  
Viajam pelas estradas  
Na mais cruel indigência  
Famílias abandonadas  
Deixando o céu lindo e azul  
Algumas vão para o Sul  
E outras para o Maranhão  
Cada um com sua cruz  
Se valendo de Jesus  
E do padre Cícero Romão  
Nestes momentos consternos  
Sem meios para a viagem

Muitas vezes os governos  
Para o Sul dão a passagem  
E a faminta legião  
Deixando o carro torrão,  
Entre suspiros e ais,  
O martírio inda mais cresce  
Porque quem fica padece  
E quem parte sofre mais

O carro corre apressado  
E lá no Sul faz o “desejo”  
Deixando desabrigado  
O flagelo cortejo  
Que procurando socorro  
Uns vão viver pelo morno  
Um padecer sem desconto  
Outros pobres infelizes  
Se abrigam pelas marquises  
Outros debaixo da ponte

Rompendo mim empecilhos,  
Nisto tudo o que é pior  
É que o pai tem oito filhos  
E cada qual o menor  
Aquele homem sem sossego  
Mesmo sem emprego  
Nada pode resolver  
Sempre na penúria está  
Pois o seu ganha não dá  
Para a família viver

Assim mesmo, neste estado  
O bom nordestino quer  
Estar sempre rodeado  
Por seus filhos e a mulher  
Quanto mais aumenta a dor  
Também cresce o seu amor  
Por sua prole adorada  
Da qual é grande cativo  
Pois ela é o lenitivo  
De sua vida cansada

A pobre esposa chorosa  
Naquele estranho ambiente  
Recorda muito saudosa  
Sua terra e sua gente  
Relembra o tempo de outrora,  
Lamenta, suspira e chora  
Com a alma dolorida  
Além da necessidade

Padece a roxa saudade  
De sua terra querida

Para um pequeno barraco  
Já saíram da marquise  
Mas cada qual o mais fraco  
Padecendo a mesma crise,  
Porque o pequeno salário  
Não dá para o necessário  
Da sua manutenção  
E além disto falta roupa  
E sobre sacos de estopa  
Todos dormem no chão

Naquele ambiente estranho  
Continua a indignância  
Rigor de todo tamanho  
Sem ninguém dar assistência  
Aquele família triste  
Ninguém vê, ninguém assiste  
Com alimento e com veste,  
Que além da situação  
Padece a recordação  
Das coisas de seu Nordeste

Meu leitor, não tenha enfado  
Vamos ver mais adiante  
Quanto é triste o resultado  
Do nordestino emigrante  
Quero provar-lhe a carência  
O desgosto e a inclemência  
Que sofre o infeliz  
Que deixa a terra onde mora  
E vai para melhorar  
Lá pelo Sul do país  
O pobre no seu emprego  
Seguindo penosos trilhos  
Seu prazer é o aconchego  
De sua esposa e seus filhos  
Naquele triste penar  
Vai outro emprego arranjar  
Na fábrica ou no armazém  
À procura de melhora  
Até que a sua senhora  
Tem um emprego também

Se por um lado melhora  
Aumentando mais o pão  
Por outro lado piora  
A triste situação

Pois os garotos ficando  
E a vida continuando  
Sem os cuidados dos pais  
Sozinhos naquele abrigo  
Se expõem ao grande perigo  
Da vida dos marginais

Eles ficam sozinhos  
Logo fazem amizade  
Em outros bairros vizinhos  
Com garotos da cidade  
Infelizes criaturas  
Que procuram aventuras  
No mais triste padecer  
Crianças abandonadas  
Que vagam desesperadas  
Atrás de sobreviver

Esses pobres delinqüentes,  
Os infelizes meninos,  
Atraem os inocentes  
Flagelados nordestinos  
E estes com as relações,  
Vão recebendo instruções  
Com aqueles aprendendo  
E assim, mal acompanhados,  
Em breve aqueles coitados  
Vão algum furto fazendo

São crianças desvalidas  
Que os pais não lhe dão sustento,  
As mães desaparecidas  
Talvez no mesmo tormento  
Não há quem conheça o dono  
Desses filhos do abandono,  
Que sem temeres perigosos,  
Vão esmolando, furtando  
E às vezes até tomando  
O dinheiro dos mendigos

Os pais voltam dos trabalhos  
Cansados mais destemidos  
E encontram os seus pirralhos  
No barraco recolhidos,  
O pai dizendo gracejo  
Dá em cada qual um beijo  
Com amorosos acenos;  
Cedo do barraco sai  
Não sabe como é que vai  
A vida de seus pequenos

No dia seguinte os filhos  
Fazem a mesma viagem  
Nos seus costumeiros trilhos  
Na mesma camaradagem  
Com os mesmos companheiros  
Aqueles aventureiros  
Que na maior anarquia  
Sem terem o que comer  
Vão rapinagem fazer  
Para o pão de cada dia

Sem já ter feito o seu teste  
Em um inditoso dia  
Um garoto do Nordeste  
Entra em uma padaria  
E já com água na boca  
E necessidade louca  
Se encostando no balcão  
Faz mesmo sem ter coragem  
A primeira traquinagem  
Dali carregando um pão

Volta bastante apressado  
O pobre inexperiente  
Olhando desconfiado  
Para trás e para frente  
Mas naquele mesmo instante  
Vai apanhando em flagrante  
Na porta da padaria  
Indo o pequeno indigente  
Logo rigorosamente  
Levado à delegacia

É aquela a vez primeira  
Que o garoto preso vai  
Faz a maior berradeira  
Grita por mãe e por pai  
Mas outros garotos presos  
Que já não ficam surpresos  
Com história de prisão  
Consolam o pequenino  
Dando instrução ao menino  
Da marginalização  
Depois que aquela criança  
Da prisão tem liberdade;  
Na mesma vida se lança  
Pelas ruas da cidade  
E assim vai continuando  
Aliada ao mesmo bando

Forçados pela indigência  
Pra criança abandonada  
Prisão não resolve nada  
O remédio é assistência

Quem examina descobre  
Que é sorte muito infeliz  
A do nordestino pobre  
Lá pelo Sul do país  
A sua filha querida  
Às vezes vai iludida  
Pelo monstro sedutor  
E devido à ingenuidade  
Finda fazendo a vontade  
Do monstro devorador

Foge do rancho dos pais  
E vai vagar pelo mundo  
Padecendo muito mais  
Nas garras do vagabundo  
O pobre vai revoltado  
Fica desmoralizado  
Com a alma dolorida  
Para o homem nordestino  
O brio é um dom divino  
A honra é a própria vida

Aquele pai fica cheio  
De revolta e de rancor  
Mas ele não pode achar um meio  
De encontrar o malfeitor  
Porém se casualmente  
Encontrar o insolente  
Lhe dará fatal destino  
Pois foi sempre esse o papel  
E a justiça mais fiel  
Do caboclo nordestino

Leitor, vejo o grande azar  
Do nordestino emigrante  
Que anda atrás de melhorar  
Da sua terra distante

Nos centros desconhecidos  
Depressa vê corrompidos  
Os seus filhos inocentes  
Na populosa cidade  
De tanta imoralidade  
E costumes diferentes

A sua filha querida  
Vai pra uma ilusão  
Padecer prostituída  
Na vala da perdição  
E além da grande desgraça  
Das privações que ela passa  
Que lhe atrasa e lhe inflama  
Sabe que é preso em flagrante  
Por coisa insignificante  
Seu filho a quem tanto ama

Para que maior prisão  
Do que um pobre sofrer  
Privação e humilhação  
Sem ter com quem se manter  
Para que prisão maior  
Do que derramar o suor  
Em um estado precário  
Na mais penosa atitude  
Minando a própria saúde  
Por um pequeno salário

Será que o açoite, as algemas  
E um quarto da detenção  
Vão resolver o problema  
Da triste situação?  
Não há prisão mais incrível  
Mais feia, triste e horrível  
Mais dura e mais humilhante  
Do que a de um desgraçado  
Pelo mundo desprezado  
E do seu berço tão distante

O garoto tem barriga,  
Também precisa comer  
E a cruel fome lhe obriga  
A rapinagem fazer  
Se ninguém a ele ajuda  
O itinerário não muda  
Os miseráveis infantes  
Que vivem abandonados  
Terão tristes resultados  
Serão homens assaltantes

Meu divino redentor  
Que pregou na Palestina  
Harmonia, paz e amor  
Na vossa santa doutrina  
Pela vossa mãe querida  
Que é sempre compadecida



Carinhosa, terna e boa  
Olhai para os pequeninos  
Para os pobres nordestinos  
Que vivem no mundo à toa

Meu bom Jesus Nazareno  
Pela vossa majestade  
Fazei que cada pequeno  
Que vaga pela cidade  
Tenha boa proteção  
Em vez de uma prisão  
Aquele medonho inferno  
Que revolta e desconsola  
Bom conforto e boa escola  
Um lápis e um caderno